

# UMA EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO DE CIRCUITOS DE PROXIMIDADE DE BASE AGROECOLÓGICA NA APA DO ALTO RIO BATALHA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Guilherme do Amaral Carneiro<sup>1</sup>

Bruno Francisco Santos<sup>2</sup>

Osmar Cavassan<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Em muitos países, formas alternativas de produção, distribuição e consumo de alimentos estão ganhando cada vez mais visibilidade e atenção da sociedade. Esta renovação é orientada por três estratégias consideradas centrais: a redução da distância entre produção e consumo ou entre produtor e consumidor final, a produção de alimentos a partir de bases mais ecológicas e sustentáveis e a produção de alimentos de maior qualidade em relação aos alimentos das agroindústrias (GELBCKE; BRIGHTWELL, 2015). Neste movimento de mudança, segundo as autoras, a redução da distância entre produtor e consumidor não seria apenas geográfica, mas também relacional, ou seja, exigiria uma comunicação direta e de confiança entre produtor e consumidor final. No que diz respeito à produção de base ecológica, compreende-se uma produção artesanal, de pequena escala e isenta de insumos químicos e defensivos agrícolas. Atualmente este termo inclui a produção orgânica ou agroecológica, por exemplo. A questão da qualidade dos alimentos é um contraponto à produção padronizada e em massa imposta pelas grandes indústrias alimentícias.

Estas experiências são tratadas com uma ampla gama de terminologias no intuito de dar conta de propostas bastante complexas e de distintos contextos geográficos e socioculturais. São conhecidas em países de língua francesa como circuitos curtos (AUBRI; CHIFFOLEAU, 2009; DAROLT; LAMINE; BRANDEMBURG, 2013). A França é um país de longa tradição neste formato de produção e consumo. Em países de língua inglesa este movimento também é conhecido por redes alimentares alternativas (Alternative Food Networks) (RENTING; MARSDEN;

---

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação Educação para Ciência da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Bauru - SP. E-mail: guilherme.carneiro@fc.unesp.br

2 Bacharel em Ciências Biológicas pela Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de Bauru -SP. E-mail:brunofrancisco@msn.com

3 Professor Adjunto da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de – Bauru - SP. E-mail: cavassan@fc.unesp.br

BANKS., 2003). Na América Latina, inclusive no Brasil, estas propostas também são conhecidas por circuitos de proximidade (SILVA, 2009) e cadeias agroalimentares curtas (GELBCKE; BRIGHTWELL, 2015; MARSDEN; BANKS; BRISTOW, 2000).

É um consenso entre os trabalhos mencionados que este movimento representa novas possibilidades para produtores e consumidores. No entanto, autores como Ferrari (2011 *apud* GELBCKE; BRIGHTWELL, 2015) e Darolt, Lamine e Brandenburg, (2013) apontam para a importância de aprofundamento destes conceitos, métodos e abordagens, de modo que possam traduzir as experiências existentes, inspirar o aprimoramento e o surgimento de novas propostas. No Brasil, tratam-se de noções em construção e de posturas em consolidação. A discussão no país se justifica para que seja possível validar e criar novos critérios para suas diversas realidades (GELBCKE; BRIGHTWELL, 2015).

Assim como no restante do mundo, o Brasil vive um crescimento significativo destas formas alternativas de produção, alavancado pela demanda de novos consumidores preocupados com estas questões (GELBCKE; BRIGHTWELL, 2015). O presente artigo tem o objetivo de relatar uma experiência de produção agroecológica que vem ocorrendo desde 2016 no interior do Estado de São Paulo e envolve produtores rurais e artesanais, de pequenos agricultores a agricultores familiares e artesãos, em uma importante APA de proteção aos mananciais que abastece a região metropolitana de Bauru, município de cerca de 350 mil habitantes da região oeste do Estado de São Paulo. A produção agrícola vem sendo realizada com base nos preceitos da agroecologia (MICCOLIS, 2016) e na comercialização da agricultura de proximidade (SILVA, 2009). A proposta foi compartilhar informações sobre a estruturação deste grupo e dos desafios enfrentados para o estabelecimento desta renovação produtiva na região.

## **Abordagens teóricas sobre Circuitos de Proximidade**

As discussões que envolvem a conceituação de circuitos de proximidade são recentes e muitos termos são utilizados para tratar do tema em todo o mundo. Silva (2009) aponta que um dos mais importantes atributos para defini-lo seria o critério de proximidade geográfica. O autor observa que a proposta também inclui relações circunscritas aos mercados locais e regionais, pela circulação de produtos feitos artesanalmente e comercializados em pequena quantidade. Para o autor, estes critérios se caracterizariam como circuitos regionais curtos e seriam formados no entorno de municípios ou núcleos urbanos de médio ou pequeno portes, com a inclusão da agricultura familiar. Estas características permitiram, segundo ele, dinamizar as economias locais.

Gelbcke e Brightwell (2015) apontam que na base desta realocação dos sistemas agroalimentares, dois conceitos precisam ser levados em consideração: o enraizamento (*embeddedness*) e a sustentabilidade ecológica. Segundo as autoras, o primeiro fortalece valores comunitários e possibilita uma maior segurança alimentar e o segundo, apontaria para a sustentabilidade do sistema produtivo e de logística para atingir o consumidor final, diminuindo o que as autoras denominaram pegada ecológica. Estas abordagens propõem uma

aproximação entre produção e consumo, o que diminuiria todos os impactos sociais e ambientais, além de fortalecer a economia regional. As autoras, porém, atentam para o fato de que este sistema alimentar seria contextual e depende de diversos fatores, como a dos atores envolvidos empoderados por relações sociais particulares e que estas precisam ser construídas cuidadosamente para que de fato se mantenha como uma opção mais ecológica, justa social e economicamente.

Outro critério apontado como de grande relevância seria a aproximação entre produção e consumo. Para isso, um ponto central seria o estabelecimento e organização de cadeias curtas de suprimento, diminuindo a distância e o contato entre produtores e consumidores. Este encurtamento depende de uma série de fatores, com destaque para as relações de confiança e da diminuição de intermediários. Esta definição foi determinante na defesa dos circuitos curtos franceses, que defendem a venda direta do produtor ao consumidor por meio de canais diversificados com a venda pela internet, no domicílio, em pontos de entrega ou indiretas curtas como restaurantes, pequenos comércios, lojas especializadas, dentre outros (AUBRI; CHIFFOLEAU, 2009).

Outro critério importante apontado na literatura sobre circuitos de proximidade é o da informação. Marsden, Banks e Bristow (2000) apontam que elas devem permitir aos consumidores finais se relacionar com o lugar ou espaço de produção. Esta relação viria acompanhada do compartilhamento de valores, métodos produtivos e da coesão do grupo de pessoas envolvidas. O autor destaca as certificações de comércio justo (*fair trade*) ou outras certificações como sendo importantes mecanismos de construção de confiança entre consumidores e produtores. Resting, Marsden e Banks (2003) vão na mesma linha de argumentação, mas apontam que o mais importante seria o compartilhamento de valores em torno da qualidade regional, social e ambiental.

O debate sobre cadeias curtas ou circuitos de proximidade aparece em contraposição aos circuitos longos, da alimentação industrializada e altamente impactante. A qualidade dos alimentos e a segurança alimentar são os principais motivadores deste movimento. A demanda por produtos socialmente justos, mais naturais, produzidos com respeito ao meio ambiente e ao bem-estar animal, são os pilares destas propostas. Na sua base estão aspectos éticos e culturais compartilhados por consumidores e produtores. Todo este movimento também está relacionado ao surgimento da agricultura orgânica e sua melhor estruturação. Segundo Niederle e Almeida (2013), a produção orgânica é um dos segmentos agroalimentares com maior crescimento no mundo, com taxas anuais de crescimento de até 20%, contra uma expansão de apenas 5% do setor agroindustrial convencional. Os autores apontam que estas redes alimentares alternativas, como a dos orgânicos e dos agroecológicos, podem criar novos espaços econômicos, serem capazes de superar estas forças globalizantes e de mercado controlado, capazes de conviver com as formas convencionais de distribuição.

## **A produção agroecológica de modelo agroflorestal e orgânico**

Para contextualizar a discussão sobre os modelos de produção mais sustentáveis, pretende-se aqui introduzir pelo menos dois modelos de produção, o orgânico e o agroflorestal, já que as bases dos circuitos de proximidade preconizam modelos de

produção ecológica e ambientalmente corretos, além do fato da experiência aqui relatada se basear nestes modelos produtivos. Segundo Souza et al (2012), a produção orgânica aparece hoje vinculada ao estímulo do pequeno agricultor, à proteção da biodiversidade e ao desenvolvimento local sustentável. Segundo as autoras trata-se de um modelo que propõe garantir o aumento da demanda e da oferta de produtos mais saudáveis, socialmente justos e a preços adequados para consumidores individuais e institucionais.

Os alimentos orgânicos, *in natura* ou processados, são aqueles produzidos em um sistema de produção agropecuária e industrial específico. A produção é baseada em técnicas que dispensam o uso de insumos prejudiciais à saúde humana e ambiental, como pesticidas sintéticos, fertilizantes químicos, medicamentos veterinários, organismos geneticamente modificados, conservantes, aditivos e irradiação ou outros tratamentos (SOUZA et al, 2012). Segundo as autoras, a ênfase é direcionada à adoção de práticas de uso do solo que consideram as condições regionais e necessidade de adaptação local dos sistemas de produção.

A produção orgânica se reflete em diversas propostas, dentre elas destacam-se os modelos agroflorestais. Neste são adotadas as técnicas do modelo orgânico e incorporados conceitos ecológicos aos sistemas produtivos. Apesar de secular, adotado por populações tradicionais de todo o mundo, a ciência começou a dar atenção aos modelos agroflorestais mais recentemente (MICCOLIS, 2016). Uma das primeiras definições de sistemas agroflorestais foi feita há 40 anos por Bene, Beall e Côté (1977) que a definiram como um sistema de manejo da terra mais sustentável que busca aumentar a produção de um modo geral. Para os autores é uma proposta que combina culturas agrícolas (da horticultura e demais produções de pequeno porte) com árvores e plantas florestais, de forma simultânea ou sequencial. Além disso, segundo eles, a proposta de produção agroflorestal aplica práticas de gestão compatíveis com os padrões culturais da população local.

Outra definição proposta pelo Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal (ICRAF) descreve a produção neste modelo como sistemas baseados na dinâmica, na ecologia e na gestão dos recursos naturais que, por meio da integração de árvores na propriedade e na paisagem agrícola, diversificam e sustentam a produção (MICCOLIS, 2016). Este formato traria maiores benefícios sociais, econômicos e ambientais para todos aqueles que usam o solo em diversas escalas (JOSE, 2009). O autor aponta que existem inúmeros tipos de sistemas agroflorestais, desde os mais simples, com poucas espécies e baixa intensidade de manejo, e outros sistemas de maior complexidade, que propõem alta biodiversidade e intensidade de manejo. Entre esses modelos, segundo o autor, existiriam ainda inúmeras propostas intermediárias, de maior ou menor diversidade e manejo, conforme os produtos gerados pelo sistema proposto.

## **A experiência do Centro do Desenvolvimento Rural Sustentável da Fazenda São João**

Em meados de 2013, os proprietários da Fazenda São João deram início ao projeto de um Centro de Desenvolvimento Rural Sustentável (CDRS). A fazenda está localizada em propriedade rural no município de Piratininga,

região metropolitana de Bauru, interior de São Paulo, onde foram obtidas as seguintes coordenadas geográficas UTM 693780.00 E; 7516380.00 S. O CDRS está localizado na Serra da Jacutinga, região do Alto Rio Batalha, uma importante área de manancial. Nele são desenvolvidos projetos de adequação ambiental da propriedade e de orientação para outras propriedades rurais, além de projetos de conservação da biodiversidade e educação, para sensibilização e envolvimento dos proprietários rurais interessados em propostas alternativas de produção agrícola. A propriedade rural está em transição agroecológica, com produção de hortaliças, frutas regionais e propostas de silvicultura integrada à pecuária. O centro adota e divulga a agroecologia para estimular o uso de práticas agrícolas sustentáveis, visando a sustentabilidade dos produtores envolvidos e a preservação dos recursos naturais, em especial os recursos hídricos e a biodiversidade.

A propriedade também está passando por ações de adequação ambiental, com proteção e recuperação das áreas de preservação permanente, reservas legais e áreas degradadas, além de iniciar práticas adequadas de uso e manejo do solo. Em 2016, o CDRS passou a receber visitantes interessados sobre o projeto de produção agrícola. Neste mesmo ano foi inaugurado um Empório Rural, uma loja virtual, onde os produtos artesanais e da produção agrícola são comercializados diretamente com o consumidor final. O centro estruturou roteiros com trilhas interpretativas e visitas aos projetos em andamento na propriedade.

A sub-bacia do Alto Rio Batalha possui uma área de aproximadamente 12.500 hectares, abrangendo parcialmente os territórios dos Municípios de Agudos, Piratininga e Bauru. Neles nascem as principais nascentes formadoras do Rio Batalha, que por sua vez, fornece água para uma população de aproximadamente 150.000 pessoas no Município de Bauru, através da captação superficial feita pelo Departamento de Água e Esgoto. As atividades agrícolas, em especial a pecuária extensiva, a citricultura e silvicultura vêm sendo praticadas na região sem a preocupação de garantir esse abastecimento em longo prazo e sem a aplicação de técnicas adequadas de produção, o que potencializa a degradação dos recursos hídricos e do solo.

A Fazenda São João abriga importantes nascentes de dois dos principais afluentes do Alto Rio Batalha. Nela nascem os córregos São João do Retiro (que dá nome à propriedade) e Lagoa Dourada. Na propriedade existem nascentes, pequenas cachoeiras e serras do divisor de águas das Bacias Hidrográficas Tietê Batalha (UGRH-16) e Médio Paranapanema (UGRH 17), portanto, está localizada em área extremamente importante do ponto de vista ambiental. A região de Bauru também é diferenciada do ponto de vista da vegetação do Estado de São Paulo, pois está em local de transição entre áreas de formações vegetais nativa de mata estacional semidecidual do Domínio da Mata Atlântica e Cerrado (CAVASSAN, 2013). Na Fazenda São João predomina a mata estacional semidecidual em área superior a 100 ha.

Desde 2015, o Centro vem se consolidando como um local de multiplicação de práticas agrícolas sustentáveis na região. Naquele ano, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), ocorreu o primeiro curso de olericultura orgânica no CDRS. Participaram do curso alguns produtores vizinhos (também inseridos na região), universitários e simpatizantes das práticas

agrícolas. O curso teve duração de oito meses. Alguns dos proprietários rurais e agricultores familiares participantes se uniram e iniciaram produção agrícola voltada à comercialização dos produtos. Cerca de cinco propriedades, além da Fazenda São João, participam com diferentes graus de envolvimento no projeto de comercialização destes produtos, hoje denominado Empório Rural Museu do Café. Todas as propriedades estão inseridas na região do Alto Rio Batalha. No início havia pouca produção agrícola, tanto na propriedade do CDRS, como nas áreas dos demais produtores. Nesse período, os técnicos envolvidos no CDRS acompanharam esses produtores para trocar experiências e técnicas de produção baseadas em princípios agroecológicos.

Entre outubro de 2015 e Julho de 2016, as práticas de troca de conhecimento foram mais intensas. Destaca-se a implantação de composteiras e o controle de pragas alternativas, sempre procurando o melhor resultado para a produção dos cultivos desejados. Um ponto fundamental foi a estratégia de plantar os vegetais mais adequados para cada época do ano. Estas questões e preocupações com o tempo de colheita, tempo de cultivo, dentre outros pontos pertinentes, sempre nortearam os encontros. Durante todo o tempo as práticas foram analisadas com base em conhecimentos teórico-científicos e, muitas vezes, empíricos, já que os produtores rurais já tinham significativa bagagem e conhecimentos prévios. Em muitos momentos havia resistência de alguns agricultores familiares em mudar suas práticas produtivas tradicionais por novas, como, por exemplo, a prática de cobertura de solo com matéria orgânica vegetal seca, técnica bastante eficiente no controle de gramíneas infestantes e pragas agrícolas.

A comercialização dos alimentos sempre foi a questão mais crítica do processo e ainda é um dos principais gargalos para a sustentabilidade do projeto. Para solucionar esta questão focou-se na venda direta aos consumidores, como preconizado pelos circuitos de proximidade. Organizou-se uma loja virtual em redes sociais de grande alcance e iniciada a comercialização de vegetais com entrega direta ao consumidor. Para isso, foi necessário dividir inúmeras funções e estruturar esta forma de venda. Concebeu-se a identidade visual do empório rural e a loja virtual com os produtos e vegetais a serem vendidos (que variam semanalmente) e foi iniciada a construção de uma rede de consumidores diretos, sem intermediários. Além disso, foi montado um espaço de montagem dos produtos e um planejamento de entrega no domicílio.

Neste contexto o CDRS, juntamente com os produtores, chegou ao modelo de venda direta atual para os consumidores. A proposta inclui um formato de cestas de produtos, padronizadas ou personalizadas, compostas por vários vegetais da estação, produzidos pelos agricultores envolvidos. Os produtos são cultivados no formato agroecológico e agroflorestal e divulgados como livres de agrotóxicos e fertilizantes químicos. Neste modelo, cada produtor fornece uma diversidade e quantidade de vegetais produzidos em suas respectivas propriedades para montar as cestas semanais, que por sua vez, são entregues semanalmente na residência dos consumidores. Com este tipo de venda, os produtores conseguem receber até o dobro pelos seus produtos, quando comparado com o valor pago

pelos mercados e atravessadores da região. Além disso, comercializam produtos artesanais com maior valor agregado como mel, ovos, leite, bolos, pães e doces artesanais, que os próprios agricultores fazem.

Atualmente são atingidas diretamente cinco propriedades rurais, além da Fazenda São João, e cerca de quatro produtores artesanais. Ao todo, mais de dez famílias estão envolvidas com o projeto. Os agricultores são proprietários de terra ou arrendatários, todos de tradição familiar agrícola. No CDRS, o proprietário e demais envolvidos são biólogos, geógrafos, pedagogos e turismólogos. Para elaboração deste relato de experiência foi solicitado a alguns destes integrantes que destacassem os pontos mais relevantes do projeto. A seguir, foram descritas e discutidas as principais questões relacionadas ao projeto, segundo seus participantes. Os nomes que identificam os declarantes são fictícios.

Margarida, uma das agricultoras, destacou a importância do curso de formação que participou: *“o curso do SENAR foi produtivo, muitas coisas eu já sabia, aprendi a conservar o solo.”* A mesma agricultora também detalha a importância de algumas técnicas aprendidas e que passou a praticar, como é possível analisar na sua fala: *“agora eu cuido da terra, cubro os canteiros, dá um trabalhão, desse jeito o vegetal precisa ser mais caro mesmo. Mesmo cobrindo o solo ainda precisa tirar as daninhas.”* Nesta mesma declaração, a agricultora aponta para a importância da valorização dos produtos com este perfil, que segundo ela, demanda mais mão de obra que a agricultura convencional.

Outros produtores rurais destacaram mudanças de postura que consideraram relevantes, como o caso do experiente agricultor familiar Pinheiro: *“a compostagem foi muito boa, deu uma assistência muito boa nas verduras. Passar o neem também foi bom para o milho, para a mandioca, para o feijão, chuchu, ele defende de muitas pragas.”* O óleo de neem é extraído da semente da árvore neem e apresenta muitas propriedades e diversas aplicações agrícolas. Tem sido amplamente utilizado no controle de pragas nas propriedades participantes e é permitido em produções orgânicas. Iris, uma outra agricultora familiar, preferiu tratar das dificuldades que já passaram com compradores dos produtos convencionais que cultivavam. O contexto da declaração foi de valorização da venda direta aos consumidores e do incremento de sua renda com o início do projeto: *“uma vez o rapaz veio aqui comprar a mandioca e pediu para plantar a alface e não voltou para pagar a mandioca e nem para buscar a alface, perdemos os dois. Encontrei ele duas vezes na cidade, ele deu uma parte e falou que ia pagar aos pouquinhos, depois eu não vi mais ele também.”*

Laranjeira, um dos biólogos envolvidos no CDRS e na concepção do Empório Rural do Museu do Café, destacou a convivência e o conhecimento dos agricultores familiares, como é possível analisar em sua fala: *“os produtores aprenderam a produzir com seus pais e desde pequenos trabalhavam com agricultura, seus vegetais eram lindos. Aprendemos muito mais do que ensinamos, com certeza. O conhecimento que eles têm sobre agricultura é imensurável.”* Ribeiro, o geógrafo do Centro, por sua vez, destacou os desdobramentos educacionais do projeto: *o curso de olericultura orgânica do SENAR realizado em parceria com o CDRS, proporcionou a possibilidade de elaborar projetos de agricultura sustentável em outros espaços,*

como em escolar. O CDRS atua em parceria com a escola pública municipal (de ensino fundamental I) na implantação de hortas nos espaços escolares. Recebe, há mais de dois anos, alunos para tratar do tema da segurança alimentar.

Macieira, proprietário da Fazenda São João, biólogo e um dos fundadores do CDRS, por sua vez, apontou para os desafios que a proposta enfrenta, com destaque para a viabilidade econômica do projeto: *“o CDRS nasce com desafios enormes, de mudar o perfil de produção da Fazenda São João e dos demais agricultores envolvidos. O objetivo é construir uma proposta sustentável do ponto de vista ambiental, social e econômica. Ainda vejo a viabilidade econômica como um dos principais gargalos de projetos como esse.”* Segundo ele, existe muita oscilação no consumo e na produção, o que não permite uma estabilidade financeira do projeto.

### **Considerações finais**

Consolidado em países europeus como a França, o exercício desta experiência em país com grande potencial agrícola como o Brasil, contribui para o ressurgimento do compromisso ético e justo com o homem do campo. Trata também dos elementos naturais, principalmente floresta, solo e água com o cuidado inerente daquele que vive integrado a estes elementos e pretende mantê-lo sempre saudável. Some-se a isso, a oferta alternativa de um alimento mais saudável, não contaminado ou envenenado.

Os circuitos de proximidade é uma renovação orientada pela redução da distância entre consumidor e produtor, com produtos de maior qualidade, bases mais ecológicas e socialmente justas. Trata-se de um movimento que representa uma alternativa real para produtores e consumidores. No entanto, os desafios para o estabelecimento destas propostas no Brasil são muitos, em especial, como apontado em experiências semelhantes, o de aproximar produtor e consumidor e estabelecer uma relação duradoura e de confiança.

A experiência na Fazenda São João e do CDRS vem contribuindo no incremento da renda dos agricultores envolvidos e no estabelecimento do modelo agroecológico com alternativa de produção agrícola. Neste modelo os agricultores conseguem um melhor aproveitamento do solo e dos recursos hídricos com maior variedade de cultivares, agregando valor econômico aos seus produtos. A proposta também contribui para a redução do uso de fertilizantes químicos e pesticidas nas propriedades e na região do Alto do Rio Batalha, uma importante área de produção de água da região. Destaca-se ainda, a participação de profissionais, que veem nesta ação a aplicação de técnicas aprendidas na universidade, exercitando as ações que aproximam a Academia da comunidade.

É oportuno ressaltar que tal experiência não se conclui no relato presente neste artigo e, sim, está em constante aperfeiçoamento. Um dos grandes desafios do projeto é encurtar ainda mais a distância entre os produtores e consumidores, de modo que haja constância e ampliação do consumo dos produtos com este perfil. Os organizadores do projeto pretendem organizar feiras agroecológicas e visitas com a proposta “colha e leve” nas propriedades envolvidas. Estas estratégias

têm a intenção de melhorar a informação a respeito da proposta e a relação de confiança entre os consumidores e produtores. A redução desta distância é, provavelmente, o principal desafio desta experiência para que o projeto possa se consolidar como uma proposta de fato sustentável.

## Referências

- AUBRI, C.; CHIFFOLEAU, Y. Le développement des circuits courts et l'agriculture périurbaine: histoire, evolution encourts et questions actuelles. **Innovations Agronomiques**. v. 5. p. 53-97. 2009.
- BENE, J. G.; BEALL, H.W.; CÔTÉ, A. **Trees, food, and people**: land management in the tropics. International Development Research Centre. 1977.
- CAVASSAN, O. Bauru: terra de cerrado ou floresta? **Ciência Geográfica**. v.17. n. 1. p. 46-53. 2013.
- DAROLT, M. R., LAMINE, C.; BRANDEMBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agrícolas**: experiências em agroecologia. v. 10. p. 8-13. 2013.
- GELBCKE, D. L.; BRIGTHWELL, M. G. Circuitos de proximidade e a construção de qualidade: experiências da grande Florianópolis, SC. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE. 11., 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2015. p. 2956-2967
- JOSE, S. Agroforestry for ecosystem services and environmental benefits: An overview. **Agroforestry Systems**. v. 76, p. 1-10. 2009.
- MARSDEN, T., BANKS, J.; BRISTOW, G. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia Ruralis**. v. 4, p. 424-438. 2000.
- MICCOLIS, A. **Restauração ecológica com sistemas agrofloretais**: como conciliar conservação com produção. Opções para Cerrado e Caatinga. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN/Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal, 2016.
- NIEDERLE, P.A.; ALMEIDA, L. de. A nova arquitetura dos mercados para produtos orgânicos: o debate da convencionalização. In: NIEDERLE, P.A.; ALMEIDA, L. de; VEZZANI, F. M. **Agroecologia**: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós. 2013. p. 393.
- RENTING, H., MARSDEN, T. K. & BANKS, J. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environmentand Planning**. v. 35, p. 393-411. 2003.
- SILVA, C. A. La configuración de los circuitos «de proximidad» em el sistema alimentario: tendencias evolutivas. **Doc. Anál. Geogr.** v. 54, p. 11-32. 2009.
- SOUZA, A. A.; AZEVEDO, E.; LIMA, E. E.; SILVA, A. P. F. Alimentos orgânicos e saúde humana: estudo sobre as controvérsias. **Revista Panamericana de Salud Publica**. Washington. v. 31, n. 6, p. 513- 517. 2012.